

O E S S E N C I A L S O B R E

# Guerra Junqueiro

António Cândido Franco

2.<sup>a</sup> edição  
revista

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

O ESSENCIAL SOBRE

# Guerra Junqueiro



O E S S E N C I A L   S O B R E

# Guerra Junqueiro

António Cândido Franco



# Índice

- 7 **Nota à segunda edição**
- 13 ***Preambular***
- 1.**
- 15 **O berço**
- 2.**
- 21 **A morte do romantismo**
- 3.**
- 25 **O postilhão do Sol**
- 4.**
- 29 **O deicídio**
- 5.**
- 35 **Caminhar na terra**
- 6.**
- 39 **A metáfora assassina**
- 7.**
- 43 **A morte de Portugal**
- 8.**
- 47 **Ritual e provocação**
- 9.**
- 51 **O testamento**

## **10.**

59 **Conclusão**

63 **Tábua biográfica**

67 **Bibliografia (essencial)**

## Nota à segunda edição

No momento da segunda edição deste livro, acho por bem explicitar os critérios que orientaram a minha revisão do texto. Optei por uma revisão pouco interventiva, mantendo quase na íntegra o texto da edição original. Corrigi apenas gralhas e lapsos evidentes que possam ter escapado à revisão anterior. Concedi, em casos pontuais, a substituição de um vocábulo por sinónimo próximo, de modo a tornar mais preciso o que era necessário ser dito. De igual modo, cedi na alteração e no acrescento de alguma frase, por força da ordenação sintática, da clareza e da limpidez de expressão e da pertinência de alguma nova informação, como sucedeu na Tábua Biográfica. A única exceção a este critério geral respeita à bibliografia final, remodelada essa com acrescentos ainda substanciais. Sobre as razões que levaram a uma tal alteração, em baixo se dirão.

A primeira edição do livro foi feita em 2001, numa altura que os estudos sobre a poesia de Guerra Junqueiro não haviam ainda conhecido um conjunto significativo de contributos, em que se destacam de sobremodo os de Henrique Manuel Pereira,

com certeza aquele que hoje melhor conhece em todos seus escaninhos a poesia do autor de *Pátria* e a sua fortuna posterior — e porventura aquele que melhor está em condições de lhe editar hoje as obras e, na sequência dos devotados trabalhos de Lopes d’Oliveira, lhe escrever a biografia literária, de que este pequeno estudo agora em reedição não escusou ser um primeiro esboço. Pensado desde o início para uma coleção que se propunha captar o «essencial» de cada autor, natural era que a sua pretensão fosse fixar de forma totalizante os elos capitais que enquadram a obra na vida do seu autor.

Distribuem-se os contributos de Henrique Manuel Pereira para o estudo de Junqueiro por dois momentos decisivos, embora não exclusivos: o centenário da República, que levou o autor a pôr de pé, em 2010, todo um gigantesco programa em volta da figura de Junqueiro e que teve por epicentro o polo portuense da Universidade Católica Portuguesa, onde pontificavam homens atentos e recetivos à obra junqueiriana, mesmo a mais heterodoxa, como Ângelo Alves e Arnaldo Pinho; e o seu doutoramento posterior, em 2013, sobre a obra do poeta d’*A Velhice do Padre Eterno*, valioso trabalho académico apresentado à Universidade de Aveiro e aí defendido com sucesso e que teve por principal arguente um homem também ele umbilicalmente ligado ao estudo de Junqueiro, numa altura em que isso estava já longe de ser regra — Nuno Júdice. Esse seu trabalho académico veio a ser publicado dois anos depois com o título *Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica* e constitui hoje uma intorneável porta franca de acesso à obra de Junqueiro.

Mas, independentemente desses dois momentos fortes, em que muito da sua investigação, do seu saber e também da sua paixão convergiram para pôr de pé um edifício único no conhecimento de Junqueiro, a atividade de Henrique Manuel Pereira nunca abandonou o poeta e muito tem ele continuado a inquirir, a publicar e a colecionar com sempre acesa paixão. É dele, com certeza, a junqueiriana privada mais completa que existe em Portugal, não lhe faltando peças raríssimas, como as poesias libertinas, que hoje lamento não ter abordado neste «essencial», nem mesmo na bibliografia final do poeta, aqui deixando este ato de contrição, já que essa dimensão do poeta, ainda quando castigada pelo próprio, é determinante para se perceber a estrutura dialética do seu contraditório pensar, entre iconoclastia e remorso. Se outras não houvesse, e há, são estas razões bastantes para a exceção que abro na bibliografia deste trabalho, remodelando-a e acrescentando-a. Basta um exercício de leitura como o de Henrique Manuel Pereira para abrir um vazio irremissível em qualquer elenco sobre Junqueiro que o desconheça. De igual modo, a ausência das poesias licenciosas de Junqueiro numa relação dos seus livros, mesmo sumária, chega aos meus olhos de hoje para a impugnar.

Numa época em que a obra de Junqueiro estava longe de ter qualquer aceitação geral, entusiasmei-me com a poesia de Junqueiro junto de escritores como Dalila Pereira da Costa, Henrique Barrilaro Ruas, Afonso Botelho, António Telmo, António Quadros e Pinharanda Gomes, que mantinham viva a memória do poeta e da sua poesia nas tertúlias

que reuniam há 30 e 40 anos em cafés e restaurantes do centro de Lisboa e nos livros que publicavam — exceção para Dalila, que recebia em sua casa no Porto e muito nos falava de Junqueiro, que os seus ascendentes familiares haviam editado no Porto na casa Lello; e Telmo, que reunia os amigos em Estremoz e Vila Viçosa, onde o conheci, mas editava os seus livros na velha chancela da Rua da Misericórdia, a Guimarães Editores, onde também publicavam Quadros, Pinharanda e Orlando Vitorino.

Com tal prática, davam continuidade esses publicistas a uma tradição que haviam recebido dos que reconheciam por mestres, José Marinho e Álvaro Ribeiro, que por sua vez a haviam tomado de dois escritores que muito tinham bebido diretamente na fonte de Junqueiro, ainda com ele convivendo — Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. No mesmo veio portuense terá bebido Amorim de Carvalho, que já não conheci a não ser através dos valiosos estudos que publicou sobre o poeta.

Não eludindo esses tempos passados, aos quais devo o primeiro contacto sério com os autores que fizeram esse favor em movimento que foi a Renascença Portuguesa (1911-32), de que Junqueiro foi de início a figura tutelar e até consensual, e digo «até» já que António Sérgio era um dos membros fundadores dessa sociedade cultural, não posso deixar de dizer que também tenho sempre presente o convívio que tive pela mesma época com Fiamma Hasse Pais Brandão, então a braços com os seus exaltantes e labirínticos trabalhos camonianos que a levaram a ler com atento interesse e com grata surpresa um dos hermeneutas mais

esclarecidos da obra de Junqueiro e seu correligionário próximo — Sampaio Bruno. Sempre me falou Fiana com a maior simpatia e adesão da poesia junqueiriana, incentivando-me a prosseguir a sua leitura e o seu estudo. Um tal incentivo acabou por constituir para mim uma segunda via de acesso a Junqueiro — hoje tão ou mais importante do que a primeira.

A. Cândido Franco  
18 de maio de 2023



## ***Preambular***

*Abraçar a obra de Junqueiro em poucas páginas é tarefa tão ingrata e difícil como limpar num único dia os estábulos do rei Augias ou domar com os braços o leão de Nemeia. Estou convencido de que só Hércules poderia vir cumprir entre os humanos esse último trabalho de Euristeu, mas não me parece que ele se decida a deixar os deuses que tão magnanimamente o receberam. A obra de Junqueiro, por relação com a de outros escritores, não é muito extensa nem muito compacta, mas compensa qualquer insuficiência de extensão com uma intensidade e uma profundidade que se adequam na perfeição à brevidade e ao fragmento do verso e do período versicular, que é o da prosa de Junqueiro. Um texto não se mede de metro na mão nem se avalia pelo comprimento. Basta dizer que há versos soltos de Junqueiro, sem espessura de lombada e com menos de metade de uma polegada, que valem grossos tratados filosóficos, do tomo dos de Maimónides ou de Espinosa. Ademais, a poesia de Junqueiro segrega fios de ligação com a realidade que se mostram indefetíveis. Não é o tópico da intervenção social que aqui me cativa, por muito sentido geracional ou epocal que ele faça,*

*mas antes a capacidade operativa da palavra deste poeta. Junqueiro sempre impressionou por ter sido capaz de fazer sangrar o real com uma metáfora. Há quem o considere mesmo, com algum excesso de razão, o homem da metáfora assassina. Isto que passa por um libelo, e que o próprio sentiu ainda em vida como um crime irremissível, pode ser a prova de que qualquer comentário a Junqueiro tem de observar atentamente o contexto histórico-político do período em que ele escreveu. É preciso desfiar muito para se chegar a entender alguma coisa desta poesia; para se rabiscar pouco, não se tem outro remédio senão deixar de lado algum Junqueiro. Os textos e os fios de leitura que aqui selecionei são aqueles que me pareceram suficientes para manter de pé o Junqueiro inteiro, mesmo que incompleto.*

# 1.

## O berço

Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923), que haveria de fabricar numa lata de ilusionista os trovões que assustaram padres, bispos, reis e barões, teve uma infância poética mais inofensiva que rebelde e mais sentimental que incaracterística. Não se dá com o mais leve sarcasmo na bagagem com que apareceu, onde é muito mais fácil encontrar uma provisão de lágrimas que de chiste.

Como poeta Junqueiro nasceu precocemente, aluno ainda curto de liceu, aos 12 anos de idade, num sarau literário do Teatro Académico de Coimbra, presidido por António Feliciano de Castilho, que para paraninfo das letras tinha o secreto enigma dos cegos, que é também a terrível circunstância dos que vivem mergulhados na escuridão. Com os olhos inertes, cobertos de cinza ainda quente, o bengalão de castanho, a elasticidade mole dos lábios e a calíça branca nos ombros do casaco, Castilho devia então fazer figura de um Orfeu temido e olímpico que tivesse acabado de regressar vivo e intocado do Inferno

dos clássicos, depois de despreocupadamente se passear pelas ruínas dos medievais.

Mas se Junqueiro nasceu em Coimbra, teve berço no Porto, na Praça da Batalha, onde cheirava à pólvora ultrarromântica recente, e por onde andavam ainda, entre o desditoso e o folgazão, os rapazes que tinham acompanhado a estroinice perdulária de Camilo, Manuel Negrão e Pinto de Magalhães. Foi nas esquinas do Teatro São João do Porto, a olhar as estrelas do Norte e a pensar em doidices estouvadas e românticas, que Junqueiro bebeu, entre lágrimas e cinza, o seu primeiro leite poético. Enganou assim a fome do corpo débil com que poeticamente nasceu antes de tempo, aos 12 anos, franzino e murcho, quase por cesariana mental.

Em 1864, aparece a primeira publicação impressa — o opúsculo *Duas Páginas dos Catorze Anos* — e em 1868 um Camilo Castelo Branco já instalado em Ceide desce dos seus salões de grande senhor das letras para lhe apresentar, num curto exórdio de poucas linhas, um poema narrativo — *O Século. I. Baptismo de Amor*.

A história do poema é vulgar e dissolve-se na parte anódina e obscura desta infância poética, mas os motivos líricos que de vez em quando vemos embutidos no correr dela mostram-se os rijos botões que depois, na poética junqueiriana madura, opulentamente enfloraram e frutificaram. Há versos neste livro que são o rebento do seu panteísmo futuro; aplainam-se neles pela primeira vez as metáforas que fizeram depois a literatura superior da sua poesia adulta.

*A cúpula é o azul do espaço imenso,  
Por colunas montanhas; e flutua  
No topo do salão, a arder suspenso,  
Um lustre gigantesco — o Sol e a Lua!*

Mas o panteísmo é uma forma particular do gosto de brincar às substituições, não uma rebeldia. Este primeiro Junqueiro, que cresceu de calções e barretina de papel na Praça da Batalha do Porto, não sabia ainda o que era o riso e desconhecia a sátira. A semente esconde sempre a árvore, e o Junqueiro dos primeiros anos é inofensivo, mais sério que perigoso, e por isso impessoal como o embrião.

A aprendizagem da rebeldia fê-la Junqueiro na sua adolescência poética, ao lado de João Penha. É a época em que o berço lhe começa a parecer acanhado e o quarto sem sol. Quando deu com João Penha, que foi o companheiro que o fez trocar a ordem íntima pelo desassossego da rua, Coimbra afigurou-se-lhe um arraial colorido e quente, feliz e saudável, que só por estupidez ignorara até aí.

É o momento decisivo em que Junqueiro descobre, além do pingó sentimental que os rapazes da Batalha lhe ensinaram, o riso, o riso desbocado e livre, quase fanfarrão, em que a natureza humana, embriagada e excessiva, se punha a ferver.

João Penha, diretor d'*A Folha*, onde Junqueiro colaborará de 1868 até 1873, não foi para o jovem Junqueiro um padrinho dos mistérios de Orfeu como o Castilho dos saraus românticos, mas abriu-lhe portas para exteriores onde corriam à solta novas e revolteantes aragens.

Onze anos mais velho que Junqueiro, Penha aclimatou-o pela primeira vez às correntes frias e rápidas da reação antirromântica do naturalismo que já se faziam sentir, com puxado sopro, nos claustros escuros da Coimbra alta.

Os rapazes do Teatro São João eram avessos ao classicismo e absolutamente contrários ao iluminismo. Enterravam à machadada os arcades e só ressalvavam, e mesmo assim numa errata final, o Bingre. Ao invés, Penha era um repentista da escola do Bocage, encharcado de sátira e erotismo, que dava de barato a elegância clássica, mas elogiava a frieza e o descaramento dos poetas latinos. Este Penha cometeu a proeza única nos anais da Alta de se licenciar em Direito com a exótica idade de 35 anos, depois de fazer quatro lustros seguidos de boémia sem falhar uma noite.

Junqueiro quando acamaradou com Penha deve ter passado quase sem transição de Musset, Lamartine, Camilo e Soares de Passos para Juvenal, Marcial, Catulo e Nicolau Tolentino. Abeberou ainda Hugo e algum Baudelaire e por via dele o seu Villon. É possível que a troça típica a Bulhão Pato, que Eça puxou depois para *Os Maias* como caso típico, tenha despontado com este mau hábito de se lerem em voz alta, na tasca da tia Camela, à mistura com taças de falerno da Bairrada, os caricaturistas desbocados da idade romana e os estudantes malcriados da Baixa Idade Média.

Esta nova missa de que Junqueiro se tornou fiel devoto deu nele ao cabo de pouco tempo uma feição jacobinizante, que tem alguma emoção

provocatória e um gosto fundo de satirizar, que se tornou depois um vício superior porque foi contraditório, sem com isso deixar de ser fundamentalmente moral.



## 2.

# A morte do romantismo

Com a publicação em 1874 d'*A Morte de D. João* começa a idade poética adulta de Junqueiro, que pode ser nele, um pouco ao modo de Baudelaire, a idade das imagens chocantes. Junqueiro, mais do que um poeta tecnicamente consciente dos ritmos, como acontece com Bocage, é um poeta criativamente atento à invenção das imagens. O seu verdadeiro domínio não é o da métrica nem o do verso, mas o das metáforas.

O momento de revelação do poema de 1874 é o da decadência física de D. João e da sua mulher fatal, Impéria; ambos acabam os seus dias sem glória nem fama, num circo barato de província. Este escalpelo assim frio e impiedoso de duas das figuras mais temidas pela alma romântica — que lhes sofria cordatamente as impertinências — mostra-se um arrasante processo antirromântico. As qualidades do sedutor, que deram dele a prepotência de um ser improcessável, foram arrancadas por Junqueiro à força de metáforas e atiradas friamente à lama dos caminhos.

A esgrima de Junqueiro é a das metáforas cruéis. É com elas que ele tira o chinó de D. João e o deixa

nu e vulgar na praça pública. O mito tornou-se então comédia de feira e o sedutor fez-se frascário. A partir daí, as imagens de Junqueiro são uma arma de arremesso, certa e desapiedada. D. João é um dândi de 80 anos, tem as mãos cobertas de frieiras, os dentes podres, o nariz vermelho, a careca luzidia, a bossa saída, os pés calosos, a pele amarelada, as pernas ossudas e os lábios rebentados.

Isto, que podia passar por ser o antirromantismo da mocidade poética de Junqueiro, já que o processo de D. João é o processo do romântico, ou pelo menos dos seus lugares caraterísticos, acaba por ser afinal mais do que uma reação. Não basta aqui falar das impertinências do padre Penha ou do contexto doutrinário naturalista e antirromântico da nascente Geração de 70, onde só por tangência Junqueiro se arregimenta, por mais paralelismos que seja possível encontrar entre *O Mistério da Estrada de Sintra* e *A Morte de D. João*.

Em Junqueiro, o antirromantismo é sempre ardiloso, porque nele a sátira não é uma finalidade, e depois do riso vem a comiseração, como depois do sarcasmo aparecem as lágrimas. Junqueiro tanto aprendeu a poetar com Catulo e Juvenal como com Ésquilo.

O clímax dramático deste poema não é o momento em que Junqueiro arranca friamente a finos golpes de florete a máscara remoçada de um D. João de papelão, mas o instante em que depois de o deixar em pelota, metendo-o a ridículo, se põe de pé reverentemente para assistir de chapéu na mão à sua morte.

A agonia final de D. João faz Junqueiro retrair as garras e meter no estojo a lanceta. Intolerável

como um murro no estômago, a cena merece-lhe uma última metáfora, que não é uma chicotada nem uma anedota, mas uma reverência sincera e quase solene da parte de um homem sério e concentrado, se não compungido. É a metáfora do Calvário, em que a morte, mais do que virtude, revela a negro o mistério indelével da vida.

*Vinha rompendo a Lua. Os histriões famintos*

.....  
*Iam como Jesus na estrada do Calvário*  
.....

A piada acerada de Junqueiro não se destina a fazer cair à luz forte das imagens os ídolos com pés de barro e nariz de cera que toda a sociedade aplaude ovante e cega, esses tipos rígidos e fixos de que se serviu o realismo, pois a finalidade do humor apela nele a uma comoção pessoal que é elevação redentora de qualquer insuficiência.

Cômico e histriónico, o Junqueiro poeticamente adulto não esquece nunca o sulco trágico da imitação que faz transitar a poesia do mero divertimento visual à lição moral.



### 3.

## O postilhão do Sol

Depois d'*A Morte de D. João*, cuja catártica dificuldade final se arrisca a passar despercebida por detrás do estrondo fragoroso do sarcasmo do poema, Guerra Junqueiro fez as malas e foi de vilegiatura. A missa coimbrã de João Penha remiu-lhe as faltas da sua infância poética, emprestando-lhe a lâmina fina e cortante da tradição sarcástica portuguesa e latina, se não mais ainda a francesa, mas cansou-lhe o espírito com o seu matraqueado latim de palito métrico e o seu repentismo cego de estúrdia e de adega.

Junqueiro bateu asas dos choupais do Mondego, e do itinerário solto e cego desses anos, rasando em voo largo Lisboa e Angra do Heroísmo, resultou a recolha *A Musa em Férias* (1879), a sua primeira grande colheita lírica, onde se encadernam em letra de forma algumas das melhores metáforas da poesia de Junqueiro.

Os exemplos são inumeráveis e o ritmo do seu aparecimento galopante. Assim: a escola portuguesa é um talho de anjos; os versos são trovões; o papel é uma lata; o céu é um prado luminoso onde

pasta feno doirado o boi do zodíaco; o vento é um organista; as ondas são ursos brancos; as crianças são pérolas e os mestres são almofarizes; o amor é um biscoito; a nortada é uma égua vesga; os escriturários são facas; os burgueses são Neros de suspensórios; a igreja do Loreto, ao Chiado, é o toucador de Deus; os janotas do Rossio são leões velhos e sem pelo; o almoço é uma orgia; os seios da mulher são dois requeijões com dois morangos no meio; o sol é um cavalo de crinas de oiro que ao fim da tarde vai beber água à pia do Atlântico e de noite se entretém a pastar a aveia dos astros; Diógenes é uma lesma e a pipa um caracol.

Quem tem assim uma imaginação vigilante e viva, arguta e opulenta, pronta a tudo fazer passar pelos dentes do seu crivo transfigurador, cruzando e descruzando o mundo, bem pode mandar sem preocupações de maior a musa épica de férias e mudar de endereço para o lirismo. Sustentar a musa nestas condições a pó de arroz narrativo é um desperdício e um desbarato, que nem sequer tem a justificação do presente.

A imaginação é uma faculdade íntima que anima a Natureza e revela o espírito. O propósito neoarcaico que há neste livro, de tipo pagão, com carácter descritivo e realista, aguarela plástica e epigramática de bolso, é complexificado e transcendido pela metamorfose imaginativa do real.

*Entre as sebes orvalhadas  
Vai passando a turba aldeã:  
Brilha o aço das enxadas  
Na rósea luz da manhã.*

*E nos luminosos prados  
Do azul divino, olímpico,  
Pasta entre fenos doirados  
Taurus — o boi do Zodíaco.*

Há boi pagão e português na poesia de Junqueiro, mas esse boi é o do zodíaco, feito luz e constelação de estrelas. Além de galopante e ébria, a metáfora de Junqueiro apresenta nesta época uma complexidade que está muito próxima de se fazer mais verdadeira do que o real.

O processo, que é o da reanimação da irrealidade, passando do guache objetivo e impressionista à pincelada forte da expressão abstrata e imaginativa, afasta esta poesia de subserviências epocais de escola, dando-lhe uma profundidade ideal.

A metáfora é o sinal de uma metafísica material, em que a matéria se desprende da rigidez do sólido e ganha a liberdade de uma ideia pura e solta, tão alta e rutilante como um rarefeito e noturno céu de estrelas. Junqueiro torna-se assim o condutor de uma palavra luminosa, que transfigura a realidade numa irradiante explosão de luz. A sua palavra tem a força do Sol e surge no mundo como uma aurora mítica.

Passa porventura por aqui a modernidade resistente da poesia de Junqueiro, diferenciando-a de todos os realistas e panfletários seus contemporâneos: de Guilherme de Azevedo a Cesário Verde, de Guilherme Braga a Gomes Leal.



## 4. O deicídio

Depois d'*A Musa em Férias*, que diz de leve o que só a muito custo se diz a sério, Junqueiro regressou da vilegiatura para retomar, aliviado de latim e de ceias, o projeto que tinha quando matou o romantismo: um edifício de três andares, cujo ponto de partida era *A Morte de D. João*. A trilogia seguia com uma *Morte de Jeová* e findava com uma síntese reordenadora chamada *Prometeu Libertado*, de que ficou um libreto curto, incompleto e póstumo.

Depois de vender barato o amor romântico, Junqueiro pretendia deixar em cacos o mito frívolo da criação bíblica. Se no primeiro caso lanceava os furúnculos da vulgaridade irresponsável, no segundo pretendia aliviar os abscessos do fari-seísmo coletivo.

*A Velhice do Padre Eterno* (1885) é o remanescente que ficou desse propósito frio de matar Jeová com a análise. Percebe-se que os processos usados para esvurmar o dom joanismo sejam agora os mesmos que descascam a impostura da falsa virtude. A lâmina que tirou o rímel a Impéria e os maços

de algodão das pernas e dos ombros de D. João há de ser a mesma que debulha dalmáticas e mitras. A metáfora continua a ser o bisturi que escama e decompõe, a espada racional que escarmenta e faz justiça.

Se Junqueiro se apoia no ritmo métrico e sintático, que foi a herança que lhe ficou de Coimbra, isso é apenas a alavanca que move o corpo central do texto, a metáfora. Muitos quiseram ver apenas facilidade técnica no domínio do verso de Junqueiro. A mestria de Junqueiro é porém faculdade plástica criadora e não automatismo inorgânico. Neste poeta, a imaginação sobrepõe-se sempre à forma, por muito opulenta e magistral que esta se mostre, e a liberdade do espírito está sempre acima do rigor processual ou da meticulosidade técnica.

A metáfora quando satiriza os tipos religiosos perde o tom metafísico daqueles prados celestes onde pastava uma identidade de luz. Aqui, n'*A Velhice*, a metáfora retoma a sua esgrima cruel e ácida de sarcasmos e acusações. Neste livro, os padres são os funâmbulos da cruz; a razão é o farol do Sol e a crença o seu luar; S. Pedro é um banqueiro e o capital os trinta dinheiros; o Vaticano é uma orgia pagã e o Papa um milionário.

No poema «Génesis», o escárnio faz-se metáfora, e por via disso humor subtil e transcendente. Em traços grosseiros, a coisa é deste modo: a terra foi criada com um burrié do nariz de Deus e o azul do céu com o seu chapéu; o mar foi criado com um escarro de Deus e os animais da terra com os parasitas do seu sovaco. O poema, numa única estrofe, concentra, numa aceleração rápida, quase uma metáfora por verso.

Nestes casos, a metáfora castiga com precisão cirúrgica porque é grotesca, mas também cicatriza. Ao apontar os aleijões, ela escalda a pele do mundo, purgando-a dos seus corpos estranhos e repondo nela, por cima das feridas, uma idealidade limpa que, não podendo ser virgem, é feraz.

Quando Junqueiro diz, numa quadra do poema «A Água de Lourdes», que as melhores hóstias são as de arnica ou quando, no fecho do poema *O Melro*, adianta que «a única bíblia verdadeira» é a Natureza, não pretende tanto estabelecer um propósito sectariamente naturalista, de exaltação do conhecimento científico ou da visão estreitamente materialista, mas antes contraditoriamente sacralizar, através de recheadas metáforas extraídas do seio recatado da religião (a hóstia, a bíblia, o templo), o que passa por profano.

*Se ergueis uma capela à água milagrosa  
Esse elixir divino,  
Então erguei também um templo à caparosa  
E outro templo ao quinino.*

O intento naturalista é sempre insuficiente para se perceber a força deste Junqueiro tão interessado em imaginar como em demolir. Reduzir *A Velhice* a um propósito positivista é desconhecer a força sagrada de algumas das suas metáforas, que apontam para uma idealização da matéria e não para qualquer forma de cientismo de feição agnóstica.

Se em *A Morte de D. João* a seriedade vem depois do riso, n' *A Velhice* o espiritualismo vem depois do anticatolicismo. Junqueiro queima não para

aniquilar e deitar fora, mas para redimir; serve-se do chicote para limpar, não para agredir.

O deicídio tal como Junqueiro o pratica é um ato nobre e educado, de boa índole cívica e religiosa. Não há nele, a não ser na babugem ocasional da sua superfície, qualquer grosseria nem tão-pouco qualquer arrogância. O deicídio de Junqueiro está o mais longe possível do ateísmo posicional que mata ruidosamente Deus para logo de seguida o substituir pelos grandes segmentos ideológicos da contemporaneidade (Homem, Ciência, Técnica, História).

Junqueiro, que faz da morte de Deus um ato grave e venerável, pôde antecipadamente vislumbrar o que Nietzsche pouco depois inscrevia para sempre em letras de fogo na história de todos nós: «castigo o meu Deus porque amo o meu Deus.»

*Cultos, religiões, bíblias, dogmas, assombros,  
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.  
Exumemos a fé desse montão de escombros,  
Desentulhemos Deus desse aluvião de areia.*

O que interessa de novo sublinhar é a complexidade estilística desta poesia e deste pensamento. Se a razão e a fé, a ciência e a crença, a igreja e o laboratório constituem as polaridades inconciliáveis do confronto de mentalidades na segunda metade do século XIX, em Junqueiro o gosto do paradoxo, que é muito mais que simples despropósito ou apelo inconsiderado de novidade, despe fecundamente a incompatibilidade dessa tensão geral.

No Junqueiro da primeira idade adulta — aquele que deitou cá para fora o homicídio de D. João e o

deicídio de Jeová —, que tantos teimaram em ver como uma idade demolidoramente jacobina, a afirmação espreita sempre por detrás da negação. Quando Junqueiro desmascarou malevolamente D. João, empurrando-o desprotegido para o escárnio da praça pública, não o fez para lhe virar descaradamente as costas, num gesto de enfado ou gozo gratuito, mas para, reverente e respeitoso, assistir de frente e de pé à sua morte.

Do mesmo modo, quando mata Jeová, o que espera dessa morte não é nenhuma desobstrução, mas apenas um aperfeiçoamento, que não é de mais classificar como evangélico. Tudo o que Junqueiro visa é remoçar Deus. Rebentar a alfinetadas com o velho e decrépito Criador só faz sentido neste poeta de paradoxos difíceis se um tal gesto for o ponto de partida para o surgimento de um jovem e combativo libertador.

A moralidade contraditória da substância de Junqueiro — que deu, entre 1874 e 1885, um realismo com ideal, um naturalismo com sobrenatural e um anticlericalismo com espiritualidade — é que faz dele um caso acima da época.

O talento de Eça de Queiroz, a quem de resto é dedicada a primeira edição d'*A Velhice*, é profundo, se não genial, quando nega, mas é inosso, quase irrisório, quando reabilita. As personagens de Eça servem para ilustrar a decomposição insana dos valores, não a sua reinvenção; as de Junqueiro servem em simultâneo, e com a mesma força, para arrasar e para construir.

O Raposo d'*A Relíquia* (1887) tem o perfil grosso do cura junqueiriano d'*O Melro*, mas o Raposo acaba rico e alarve, a morder o seu charuto e a sonhar

regaladamente com a aldrabice que podia ter pregado à Titi quando voltou da Palestina, enquanto o cura de Junqueiro termina solene e concentrado, de mãos postas, a soletrar uma oração séria e conscienciosa, que não sendo canónica é litúrgica.

O Amaro queiroziano pode ser velhaco como o D. João de Junqueiro, mas enquanto o primeiro acaba cínico e descarado a subir o Chiado, o segundo finda contrito e divino num palanque de circo.

## 5. Caminhar na terra

Com a publicação d'*Os Simples* (1892), Junqueiro entra na sua maturidade poética e deixa para trás a primeira idade adulta. Há quem diga que este Junqueiro da idade madura, mais puído e menos janota, abraçou os humildes e amoleceu as invetivas, como de resto se deu com os seus correligionários da Geração de 70, mas isso tanto é desconhecer a natureza contraditória das suas anteriores zarzunchadas, como não entender a sua aproximação aos pequenos.

Nem o propósito demolidor abrandou, nem o entendimento com os miúdos foi uma fífia cor-de-rosa. O primeiro era uma questão de oportunidade e o segundo, numa sociedade cada vez mais anónima de barões e de viscondes bordados a renda ou a creme de bolo, uma ameaça nova, mesmo que na aparência inconsequente.

Num poeta tão complexo como Junqueiro, nunca o *simples* podia ser sinónimo do fácil. Junqueiro pode ser acusado de alguma inclemência e de um pouco mais de insolência, e até de mau exemplo como fez um pedagógico e bélico António

Sérgio, mas não de facilidade. A sua arte de gaita e sanfona não é o fruto de nenhuma desilusão e a sua corte na aldeia não resulta da experiência sábia dos anos, mas tão-só da impertinência de considerar tão importante como uma loiça de Sèvres um obscuro torrão de quintalejo.

Assim, o burro do poema «A Moleirinha» pode ser o asno mais obscuro e aldeão que há sobre a terra, mas ele tem do ponto de vista lírico de Junqueiro uma alma suficientemente grande para se fazer cristã.

Crucificado como o mais estulto dos animais, o asno pode em Junqueiro, devido àquele gosto de impertinência que fez o crescimento poético do autor, passar do estábulo à pia batismal e das estevas aos jardins gregos da academia, pronto a receber o batismo ou a discutir a teoria das ideias.

*Toque, toque, e vendo o sideral tesoiro,  
Entre os milhões d'astros o luar sem véu,  
O burrico pensa: Quanto milho loiro!  
Quem será que mói estas farinhas d'oiro  
Com a mó de jaspe que anda além no Céu!*

Este burrico não tem apenas alma, tem também pensamento, o que é porventura mais. A visão que o jerico tem do céu não revela facilidade, mesmo que se mostre ingénuo; ela coincide afinal com o mais fundo, argumentativo e difícil platonismo filosófico.

O céu é para o asno um duplo ideal da terra e as estrelas são ideias, mesmo que ideias de modestos grãos de milho. O pensamento asinino é assim uma forma de estupidez inteligente ou de pobreza rica,

muito mais consistente e fecunda que a inteligência estúpida dos pretensiosos.

O asno é um anti-herói, tão simplório como o Parvo vicentino, com o qual se cruza, mas o seu estofo é muito mais arrojado e sólido que o do herói clássico, astuto e cultivado, ao modo de Ulisses. A metáfora mais advertida deste livro é então uma transposição que surpreende pela espessura contraditória e até ofensiva: um asno é um filósofo. O apedeuta é o mais douto e avisado sábio.

Todo o livro — que Junqueiro reputou na altura o seu melhor de sempre — parte do tópico desconcertante mas generoso da pedra filosofal. Esta trama engenhosa de transformar o pechisbeque em oiro de lei, metamorfoseando a natureza mais simples na alma mais complexa, é de novo diligentemente traduzida por metáforas liberais e eloquentes, disparadas à velocidade de bala. A imagem analógica é o sintoma de uma invisível transcendência do real ou de uma metamorfose sempre discreta, mas presente, da matéria.

Assim, não é só o jerico que se pavoneia nas obscuras calçadas portuguesas como se estivesse a discorrer em brilhantes assembleias académicas, mas os pesados bois do poema «Préstito Fúnebre», que ao modo de velhos e pesados sacerdotes de igreja ruminam bíblias e meditam aladas visões enquanto lavram os campos. Do mesmo modo, a choupana pode ser um sacrário, o cavaco do borralho uma alma de oiro a rir, o verme uma asa e o pastor bisonho e sem letras um César do céu.

A metáfora junqueiriana, brincando com termos de substituição arrancados à alta filosofia especulativa ou à esfera mais inefável da espiritualidade,

nada tem de simples bordão formal que sirva para magnetizar os incautos e satisfazer a filáucia; ela apresenta uma força de transcensão que é correção e elegância que desfaz sensorias, mas também saber que dissipa imposturas.

Se *A Musa em Férias* apresentava um evolucionismo naturalista, gradativo e escalonado, *Os Simples* mostram no âmbito da metáfora uma dinâmica pampsiquista das almas e dos corpos, repentista e coruscante, que pretende ser mais do que paixão e menos do que justiça.

No livro de 1879, Junqueiro dizia que o sol ia mastigar de noite a paveia dos astros; agora, no livro de 1892, apresenta, no poema «In Pulvis», um castanheiro que atravessa um ciclo completo de vida universal, numa metempsicose contínua, em que a mesma «alma» vai sucessivamente passando por diferentes e sucessivos revestimentos exteriores: folha embrionária, flor aromática, fruto carnudo, árvore material, lenha rija, fogo ardente e por fim luz espiritual.

A reencarnação sucessiva da mesma existência em revestimentos estranhos uns aos outros, num processo ininterrupto de metamorfoses, acomoda de forma superior a metáfora junqueiriana, justificando como em Lautréamont as mais deslocadas e desconcertantes comparações.

## 6.

### A metáfora assassina

O ponto de partida estilístico da poesia de Junqueiro é sempre a metáfora, quer se trate da sátira, quer da lírica. A metáfora de Junqueiro é bifronte: tanto serve para castigar como para admirar. Há uma mónada de estilo na poesia deste poeta que serve de exórdio a toda a sua obra: por um lado, a comparação serve para inferiorizar os ídolos, chicoteando-os destemidamente e sem censuras, o que dá o cómico, e por outro a comparação ergue ao azul dos céus a insignificância mais apagada, dando o lírico.

A metáfora de Junqueiro tem dois olhos e não se pode dizer que por esta altura, malgrado *Os Simples* serem rasos de humor e caricatura, o autor fosse vesgo. Mudou de casaco e ao que parece de chapéu, pondo definitivamente de lado o de copa alta e cilíndrica com que ia escanhado e dândi aos jantares dos Vencidos da Vida no Tavares e no Hotel Bragança, mas o alcance bifronte da sua visão continuou intacto.

Se por um lado Junqueiro cantava encantado o pastor mais bisonho e a mais anónima das

moleiras, num tópicos de quase irreconhecível reverência, por outro, ele não deixava de envenenar a ponta das suas metáforas, que se tornaram neste período mais mortíferas e nocivas do que nunca.

Junqueiro começou por chicotear alegorias ou emblemas sociais a bem dizer inofensivos, mas, quando o *Ultimatum* de janeiro de 1890 fez convergir a sua repulsa contra uma única pessoa de carne e osso, o seu sarcasmo e a sua vontade de destruição fizeram-se muito mais perigosos, porque os alvos eram muito mais reais. Em vez de fazer tiro ao alvo numa barraca de feira, Junqueiro apontou aflitivamente a uma pessoa — o rei de Portugal, Carlos de Bragança — que conhecia mal, mas lhe passou a merecer um ódio espontâneo e teimoso.

Mesmo fazendo do assassinio uma tragédia clássica ou um ato bíblico, quer dizer, um momento do sublime, Junqueiro tinha o gosto de matar. Era em potência um assassino. Começou no homicídio de D. João, passou depois ao deicídio de Jeová e finalizou no patricídio de Portugal e no regicídio de D. Carlos. O célebre parricídio de Dostoievski faz de anão ao pé deste cortejo fúnebre.

O gosto que Junqueiro mostra em mandar os outros para o Outro Mundo não é desvanecimento romântico, mas também não é simples bisturi naturalista. Há nele uma emblemática purgativa que pode ser uma arte, antes de ser uma vontade ou um instinto.

Da vontade contumaz de apear o Bragança nasceu todo um novo e florescente braço satirizante que se prolongou por vários anos, em livros e opúsculos.

Logo em 1890, no rescaldo dos eventos de janeiro, publicou *A Marcha do Ódio* e o *Finis Patriae*,

onde se encontra a fatalidade de um sarcasmo sem apelo de segunda instância. Com um poema de 30 versos — *O Caçador Simão* — Junqueiro embrulhou em papel pardo, tingido de sangue, o destino do rei de Portugal e selou-o para sempre de luto e silêncio.

*Papagaio real, diz-me, quem passa?*  
— *É el-rei D. Simão que vai à caça.*

.....  
*Papagaio real, diz-me, quem passa?*  
— *É alguém, é alguém que foi à caça*  
*Do caçador Simão!...*

A predisposição ao regicídio de D. Carlos, se não nasceu na sociedade portuguesa com este estribilho, encontrou nele uma senha poética formidável que a consolidou e não mais a deixou de alimentar com obscuras e pertinazes certezas contra o rei.

Não foram precisas mais de seis quadras, seguidas de refrão, para o processo de Carlos de Bragança ficar arquivado no coração da maioria dos republicanos. Nunca antes de Junqueiro uma metáfora magoou tanto e nunca antes dele a imaginação se mostrou, aos olhos do real, tão soberana e temível. Lastime-se com razão o resultado, mas não se deixe por isso de admirar a força do poeta e do mago que soube ferir mortalmente o mundo apenas com as suas palavras.

Junqueiro é nesta época um portentoso rematador. Não houve ninguém na poesia portuguesa com uma força assim certa de pé; nem de meio-campo falhava o alvo. Era cirúrgica a sua precisão

e, onde a bota raspava, abria-se logo no solo um sulco de meio metro de profundidade.

A canção de 1890 não bastou para Junqueiro destilar as cataratas de ódio que sentia contra o rei; das convulsões interiores do seu rancor nasceram ainda as cenas pungentes e escarninhas daquele que vai porventura ser o poema dramático mais completo de Junqueiro, *Pátria* (1896), que Sampaio Bruno sopesou como os *Lusíadas* da nossa decadência e Fernando Pessoa não se privou de considerar um dos vértices de grandeza da poesia superlítica moderna, ao lado, ou por cima, do *Fausto* de Goethe e do *Prometeu Libertado* de Shelley.

Só não sabemos se Fernando Pessoa ajuizou com a lucidez crítica que lhe era hábito ou se com a generosidade que muito mais raramente se dispunha a distribuir, mas isso também não põe nem tira para o assunto, pois, mesmo com extemporânea magnanimidade, ainda sobram ao poema junqueiriano altíssimos picos com os quais pode ser aparentado.

## 7.

# A morte de Portugal

O poema *Pátria* é o resultado do estado de espírito de um derrotado, que julga mais eficazes as palavras do que as armas e põe nessa substituição todo o génio estratégico para sair da derrota. As armas foram as da revolução republicana de 31 de janeiro de 1891, abafadas depressa pelas tropas fiéis ao rei, e as palavras as que deram corpo ao poema de 1896, que nasceu assim como um dispositivo mágico de arremesso. A grosseria do sarcasmo entende-se melhor se pensarmos que o poema é a vindicta de um vencido.

O poema não é apenas, porém, a mordacidade voraz de uma vingança ou o castigo que um impotente encontra para humilhar os vitoriosos. A zombaria em Junqueiro nunca chega para esgotar intenções, por muito circunstancial que a obra seja, pois é da sua natureza reconstruir as ruínas que cria. A metáfora tanto lhe serve para atirar à lama do chiqueiro como para elevar ao céu dos mitos. Não basta que um livro morda, e muito menos ladre; é preciso que ele ensine. A lição está sempre para Junqueiro acima do espalhafato ou do castigo.

A chave do poema — a figura do Doido — encontrou-a Junqueiro percorrendo uma feira de aldeia, no verão de 1891, quando deu de caras com um gigante andrajoso e velho a mendigar côdeas de pão. O poema tem 23 cenas e a intriga satiriza ferozmente o tratado histórico de 20 de agosto de 1890 entre a Inglaterra e Portugal e vitrioliza o rei português que lhe apôs a assinatura — Carlos de Bragança.

Ao fazer o processo do rei, é toda a dinastia de Bragança que sobe ao tabuado para ser escarpelada e demolida. Ainda hoje esses troféus pingam sangue, pendurados que estão para sempre no cenário do poema. Não secam nem mirram, vivos que continuam. Eis o tom — aqui, em citação, o discurso direto de D. João VI:

*Ideias!... Qual a ideia humana, por sublime,  
Que se compare ou se aproxime  
Dum peru com arroz, bem gordo e bem tostado?!  
Que é a vida? Jantar! E a morte? Ser jantado!  
Comer ou não comer, eis a eterna questão.  
Mas comer com descanso e com satisfação.  
Comer em paz; sem um remorso e sem fadigas.  
Nada de inquietações mortais, nada de brigas!  
Temor a Deus, mesa de abade, cama quente  
E rir a gente!*

Este Junqueiro deve estar para o Oliveira Martins do Livro Sexto e do Livro Sétimo da *História de Portugal* como o Eça de Queiroz d’Os *Maias* está para o Martins de *Portugal Contemporâneo*.

O que é novo nesta abordagem de Portugal e dos portugueses é a decadência que levou estes

escritores a deixar de lado a forma encomiástica que até aí era a vulgar e a procurar uma disposição distanciada e sarcástica, mesmo que em Junqueiro isso nunca seja o bastante. Uma geração escreve muitas vezes com a mesma tinta, embora a caneta de cada um tenha distinto aparato.

Começando por flagelar o homem e Deus, Junqueiro vergastou depois a Pátria, primeiro na figura grotesca e de latão de um rei obeso e malcriado e depois na pessoa do Doido, gigante decaído em pedinte, mas que pouco tem de grosso e de ridículo. Um doido velho e avantajado, inofensivo e desmemoriado, foi o mais certo símile que Junqueiro encontrou para modelar em barro cru o Portugal do seu tempo. Hoje estamos na mesma, só que o velho decidiu pôr umas próteses, pintar os lábios, polir as unhas, pintalgar de *rouge* as bochechas chupadas e aparecer no ecrã disfarçado. Valhamos o velho de ontem, que este de hoje é postiço.

Assim como assim, a Pátria não morre pela incúria de um rei estúpido e de uma dinastia despropositada, mas porque o Doido reconhece o desconchavo de um passado até aí intocável. A irremissível queda da Pátria não é no poema a que resulta da incapacidade de um rei de papelão, sem escrúpulos e sem educação, mas a que advém de erros estruturais, que se prendem com o período áureo dos Descobrimentos. A grosseria do rei não dói tanto como o abalo dessa consciência, que coincide com o momento em que o Doido reconhece como a única e verdadeira riqueza terrena três pregos de ferro num madeiro humilde.

Quem descobre que as suas glórias são ainda misérias, e que depois das indigências do presente

há as vergonhas do passado, fica sem nada. E quem nesta vida nada tem, não conhece outra saída senão passar. Mas quem assim se dispõe a morrer, transportando as glórias pretensiosas do passado para os motivos transitórios do presente, sacrifica-se destemidamente, sem atrasos nem puxões, como um herói.

Por isso, Portugal morto merece de novo a Junqueiro a metáfora do Calvário. Afirma ele na longa didascália final do poema:

*Quem o crucificou?!... Por que seria?!... Mete medo e respeito... Que estatura de homem!... Que gigante!... Morto, semelha um Deus!*

Sente-se bem aqui o golpe de rins final d'*A Morte de D. João* ou d'*O Melro*. Portugal pode ser tão vicioso como o cura que lambe grosseiramente os beijos pelos melros acabados de nascer, mas também ele fará, em momento de superior reconhecimento, do erro uma lição.

Só na aparência este poema dramático foi escrito com intenção de morder e de vingar a imoralidade e os vícios dos homens. O seu propósito fundo parece ser o do exorcismo, não o do castigo. Mais do que rir com a baratária de uma época de decadência local, o poema esconjura, numa risada trágica, o sofrimento sensível da vida universal.

## 8.

# Ritual e provocação

Afiando as farpas que lhe serviam para as sátiras, não deixou nunca Junqueiro de separar e guardar as aparas tenras e inocentes que podiam prestar para o lirismo.

Assim, temos o Junqueiro escanhado, de cartola alta e cilíndrica, deputado por Trás-os-Montes, ao serviço do Partido Progressista, zombando com o amor romântico ou a beatice de sacristia, e o Junqueiro de chapéu braguês e jaquetão coçado, com barbas hirsutas até ao peito, revolucionário e republicano, caindo de joelhos diante de um castanheiro ou de um jumento. O primeiro passeava de pingalim pelo Chiado, janota e urbano, enquanto o segundo estanciava pela Quinta da Batoca, em Barca de Alva, no Douro, onde Rafael Bordalo Pinheiro, seguindo a troça de Gomes Leal, o retratou vestido de mujique e semeando a terra.

Não acredito na contradição destes dois Junqueiros, pois as penas sedosas da sua lírica eram muitas vezes a extremidade emplumada, o penacho das setas fatais que arremessava contra o altar e o trono.

Junqueiro escreveu o seu lirismo final no intervalo solitário de uma poda, descansando no assento de um cabaz de vime virado do avesso; mas essa mesma base de cabaz, a cheirar ainda a mosto vivo, servia-lhe também de mesa para rabiscar os ataques que pela mesma época desferia, sempre insaciado e feroz, contra o Bragança que se sentava no trono português e que o levaram em 1907 a ser julgado e condenado.

Foi do alto das fragas ásperas do Douro, embriagado de sol e grainha, dardejando febre e cólera, aquilino e severo como um profeta antigo, que Junqueiro vociferou para o país este trovão:

Eu odeio o Sr. D. Carlos, não com ódio sangrento, com ódio de orgulho e de vingança. O meu ódio é bom; conforta-me e consola-me. Odeio o rei, porque amo a Verdade e a minha Pátria.

*Oração ao Pão* (1902) e *Oração à Luz* (1904) são o produto de um homem gasto, mas não desiludido. Por cima das obstinações dramáticas e das repreensões acusadoras que absorveram durante anos o Junqueiro que compôs *Pátria*, estas duas preces desprezíveis retomam o panteísmo evolucionista de livros como *A Musa em Férias* e *Os Simples*.

No bifrontismo com que a poesia de Junqueiro sempre se debate, dividida que aparece entre sátira e lirismo, o evolucionismo nunca deixa de estar presente, quer de forma moral na sátira, quer de forma natural na lírica. O sarcasmo é sempre em Junqueiro purgativo, tal como a natureza é sempre modelo e vaticínio de aperfeiçoamento.

O paganismo inicial e iniciático d'*A Musa* tinha uma agilidade mental que visava o inefável como o panteísmo genérico d'*Os Simples* mostrava, apoiado num naturalismo de interpretação pessoal, um movimento de rotação espiritual; agora, nas *Orações*, quando Junqueiro atingia uma maturidade de processos, o evolucionismo anterior atinge o seu paroxismo com um otimismo gradativo que vive lado a lado com um pessimismo de raiz. Num primeiro momento, a metáfora serve para afirmar a mudança progressiva de nível a que as coisas do mundo estão sujeitas; num segundo, a sua natureza móvel e fluida obriga esses mesmos níveis a uma regressão retrospectiva.

Assim, o trigo pode ser hóstia, mas a hóstia nunca deixa de ser trigo. O evolucionismo de Junqueiro vê-se encurralado entre um excesso transgressivo do desejo e um excesso de conservação da memória, que impossibilita um termo de aperfeiçoamento final e definitivo. Pela força do desejo o trigo é hóstia espiritual e a flor é aroma imaterial, mas pela força regressiva da memória o homem continua sendo tigre e a luz escuridão.

*Luz dardejante!*

*Graça da cor! alvor, fulgor, esplendidez!*

*Tu és escuridão, és uma cega errante...*

A lembrança involuntária do passado existe nas formas evoluídas de vida, impossibilitando a concretização de qualquer síntese definitiva e perfeita; o termo final só pode ter lugar como esperança, nunca como realidade. A realidade é por natureza insuficiente e só a metáfora imaginativa, fruto do

desejo, pode saltar o espaço intransponível entre imperfeição e perfeição. O desejo transforma o sangue em ideia, mas a memória torna essa descondensação reversível. Por isso, a fera continua a existir no humano e a escuridão na luz.

Tudo isto, que é a superior tensão de um exaltado lirismo quase elegíaco, que lastima num ciclo aquela parcela de imperfeição que toda a alegria humana apresenta, acaba afinal por parecer, aos olhos de quem não precisa de justificar as certezas, uma armadilha de sarcasmos.

É tão ofensivo, para quem fala da luz como movimento vibratório em campo eletromagnético, dizer que a luz é eucaristia de plantas, como falar, a quem tem um raciocínio de sacristia, da alma dos grãos de trigo. Elegia ou sarcasmo?

A mesma poção que serve a Junqueiro para envenenar setas e ditos serve-lhe para colorir líricas e idílios. As setas prestam-se para atirar a papas e reis, ou mais modestamente para ervar os tipos humanos da decadência, apalpando-lhes os aleijões e remindo-os se possível; já as líricas se destinam à natureza mais humilde, purgando-a do esquecimento.

O que era idealismo de homem bom, mas justo, acabou equivocadamente por passar por ofensa permanente. Junqueiro bem podia querer mostrar na mão uma modesta e ingénua pena de pato-real, que todos corriam apavorados a esconder-se com medo do escovilhão das bombardas.

## 9.

# O testamento

Junqueiro, que se fez rapazinho a limpar a caspa romântica de um Porto desgrenhado e hirsuto, entrou na velhice, depois das ordenações sóbrias do parnasianismo e das tosquias realistas, quase careca e sem ânimo. Ele, que se fez estrondosamente estrear em letra de livro aos 14 anos e que viveu quase três quartos de século, apagou-se poeticamente sem chama nem alma pouco depois dos 54.

As metáforas de Junqueiro, que tinham enjaulado nos bons tempos leões de pente e pomada, domado piranhas de meias de seda e chapéu de sol, derrubado altares e tronos, acabaram por sugar o seu criador para o torvelinho votivo da sua ilusão, triturando intenções e devorando pertinácias obstinadas e afinal supérfluas.

O regicídio de 1 de fevereiro de 1908 foi o estrondo que apanhou desprevenido um Junqueiro ingénuo e exaltado, quebrando-lhe o vigor das pernas e deixando-lhe na boca uma acérrima recordação de versos. Remordido pela paixão, ficamos a ideia de que Junqueiro, depois da fatalidade

que fez tombar rei e príncipe herdeiro numa esquina do Terreiro do Paço, se desiludiu dos versos, virando-lhes amedrontado as costas.

É o momento em que Junqueiro, a braços com uma incontornável metáfora assassina, deixa de acreditar no valor moral da sua sátira. Ele, que se vira sempre como moralista rigoroso e positivo, julga-se a partir daí como carrasco impiedoso e sem desculpa. Como castigo, decide deliberadamente cegar de um olho, se não dos dois, fazendo-se cego para a poesia.

Arrebitou ainda o ânimo com o entusiasmo contagiante do 5 de Outubro de 1910, que o levou nos ombros a ministro plenipotenciário de Portugal na Suíça (1911-14), mas isso não lhe valeu, que se saiba, um verso, quanto mais um livro. Depressa deixou cair a excitação para se entregar à cisma da exprobração. Em vez de versos, este Junqueiro a caminho da velhice devia ter afinal na consciência um bom saco de remorsos de que nunca se livrou.

Terá sido essa uma época insuportável, em que nos dias desastrosos de uma República sem esteio e sem nervo Junqueiro acordava a meio da noite remordido e aflito, remexendo o corpo ossudo nos lençóis frios, como um Macbeth de carne e osso, depois de ver na indesejável tela dos sonhos as suas magras e compridas mãos tingidas pelo sangue indelével dos Braganças, sobretudo do mais novo.

Raul Brandão, que o velou no dia da morte, pintou-o assim: «No caixão, com o fatinho preto e coçado, espiritualizou-se ainda mais. Barba em bico, testa enorme, duas farripas de Nuno Álvares.»

Na verdade, Junqueiro teve a manha de um cabo de guerra e o instinto de um general, mas é como criminoso, e criminoso arrependido, que eu melhor o vejo. O seu sósia perfeito não é o homem viril, de espada em punho, mas o atormentado, ao modo de um Camilo aterrado pelo espectro virgem da Fanny Owen ou de um Dostoievski apavorado pelo vício do jogo e pelo parricídio, de testa lívida, barba suada, cara terrível de Adamastor.

A contrição de Junqueiro foi séria e o castigo, ainda que involuntário, severo. A compilação do seu inverno poético, que teria tido a beleza decantada das coisas nuas e polidas, ficou para sempre congelada nesse espaço de noturnos pavores. O forçado silêncio de versos que os fantasmas lhe impuseram do Outro Mundo deve ter sido escarmento bem áspero de engolir neste poeta de tão precoce e elástica goela.

O florilégio final teria sido frugal como um jardim japonês, mas sábio e genial como ele. Ficaram-nos alguns arranjos avulsos nos decassílabos de *Oração à Luz*. São arbustos secos e despojados, com a petrificada resistência do osso, numa vazia e depurada paisagem de areia.

*Lampejam no meu corpo, humanizadas,  
Mortas constelações e mortas alvoradas.*

Se o silêncio foi o impiedoso castigo que os mortos impuseram a um Junqueiro de eloquência rápida e fulminante, a contrição, ditada pela sua constituição interior, foi porventura o seu tormento insuportável.

Junqueiro olhou o passado e com os olhos repletos de pavor tentou o impossível: reformular os seus versos de modo a refazer o filme da vida, com incidência na cena do Terreiro do Paço. O Junqueiro desta época mostrou-se não só decidido a arrancar como Édipo os olhos, como disposto a convulsivamente corrigir e illusoriamente reformar o irreversível curso do destino passado.

Pôs-se assim, febril e inutilmente, a rever os versos, censurando e rasgando tudo o que lhe parecesse ofensivo à memória dos mortos. Atormentado por uma falta de consciência, a de ter metido lenha e pólvora no regicídio, não se importou de estéticas para limpar poemas. Este poeta, que muitos acusaram de sarcasmo gratuito, não se incomodou de rasgar, e para sempre, os seus melhores versos, se com isso pudesse fazer as pazes com a sua consciência e apaziguar os mortos.

Amansou desse modo uma versão de *Pátria*, que veio a ser publicada depois da sua morte (1925) e que pouco ou nenhum valor poético apresenta. Mas quando lhe falaram de atentado estético contra um poema intocável, a que ele roubou centenas de versos, Junqueiro, enfiado no seu barretinho de lã de paraplégico mental, roído de arrependimentos e escanzelado, limitou-se a virar as costas ao Belo e a exclamar indignado:

— Não posso aparecer no outro mundo como acusador!

Num poeta frio e firme, que fez do verso um rifle certo, esta irrequietude de consciência é admirável, mesmo que esteticamente infecunda.

O silêncio que o calou ou a inquietude que o levou a emendar para pior os seus versos são valiosos se os pensarmos como sinais visíveis de um sofrimento íntimo, que foi a forma final que ele encontrou de afirmar a seriedade grave do seu humor. Conforta sempre saber que a poesia não é apenas talento e que há nela uma ordenação superior que é mais do que artifício e construção.

Talvez a perturbação do Além misturada com o anseio do instinto ajude a compreender que Junqueiro tenha passado os seus derradeiros anos agarrado a um livro em prosa, *Unidade do Ser*, que nunca chegou a terminar, mas de que terão existido para cima de quatro mil páginas de rascunho e que foi o seu testamento final.

Neste sentido, a sua febre criativa não abrandou; procurou apenas, quando o destino se voltou contra ele, abrir um outro veio para correr com a mesma força de sempre.

Desenganado de versos e de metáforas, Junqueiro voltou-se para a filosofia em prosa. A poesia em verso fora para ele a justiça do humano; a filosofia em prosa tornou-se depois a poética do universo. Deixou cair sem grande nostalgia Shakespeare e Hugo para ardentemente se prender a Espinosa e Schelling; o seu ideal deixou de ser um soneto de João de Deus para se tornar um parágrafo de Bergson ou do Jean Jaurès de *La Réalité du Monde Sensible*.

A prosa de Junqueiro é um caso e um sintoma; um sintoma do seu imenso e estranho talento verbal e um caso de monumentalidade inacabada, mas não accidental.

Junqueiro escrevia prosa desde 1877, ano em que se estreou como cronista n’*O Passeio Público*. Aquilo que foi no momento um modesto exercício de aquecimento tornou-se pouco depois ginástica de grande habilidade. Logo em 1878, as crônicas que dá ao *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro mostram uma musculatura sóbria e de grande elegância; os parágrafos da «Nota final» de *Pátria* são rijamente atléticos e os da «Carta-prefácio» que escreveu para *Os Pobres* (1906), de Raul Brandão, revelam-se magistrais e olímpicos.

Assim, depois do regicídio, quando os remorsos ameaçaram estrangulá-lo e Junqueiro decidiu abandonar de vez o verso, ele tinha já um afinado instrumento com que tocar as sonatas em prosa da sua ontologia; faltavam-lhe apenas as pautas e as teses.

Mas se não foi acidental, a prosa foi em Junqueiro penosa. O seu processo de criação era de tipo espontâneo. Sentia-se incapaz de escrever sentado ou em casa e para criar precisava do ritmo que a acelerada marcha solitária lhe dava. Nada lhe nascia diretamente no papel; era na cabeça que a faísca saltava e só depois a transcrevia, ao que parece com muito poucas emendas. O verso adaptava-se ao processo, a prosa não.

Daí a escassez dela, mas também a inconsequência de a opor ao verso. Verso não se confunde com poesia. O verso é uma técnica, a poesia uma expressão. Notarmos em Junqueiro a facilidade da técnica é quase nada, se não lhe admirarmos em paralelo a agilidade da expressão, quer no verso, quer na prosa.

Atendendo ao enredo do estilo repentista com que Junqueiro compunha, as quatro mil páginas do seu testamento em prosa bem podem ter sido para ele não um prémio, mas um novo e destemperado castigo.



## 10. Conclusão

Conta-se a seguinte história de Junqueiro. Num apeadeiro do Minho, subiu ele um dia para um comboio apinhado de gente, dando-se conta de que o único lugar vago estava em frente de um abade, gordo e rosado, entrado de idade, vestido de batina e chapéu preto de aba circular enfiado na cabeça. Junqueiro, que acabara de publicar uns meses atrás *A Velhice do Padre Eterno*, não zaragatou e sentou-se em frente do abade. Sem se apresentar, meteu conversa com o parceiro da frente, que depressa se lhe queixou, indignado e veemente, do autor d'*A Velhice*, que levantava no momento uma onda de escândalo no País.

Junqueiro não se descaiu e atacou ele também o poeta e o livro. O abade deixou-se comover pela argumentação bem oleada do seu jovem companheiro de viagem, que lhe pareceu muito mais convincente do que a dele. Quando apearam, o bom abade convidou o talentoso e educado moço a ser fotografado ao seu lado.

A fotografia ainda hoje corre e está estampada na *Poesia Completa* editada por Amorim de Carvalho

na Lello & Irmão (pp. 448-449). Lá está o padre, sorridente e feliz, convencido e ludibriado, maciço como um souto, de bengalão na mão direita, ao pé de um Junqueiro miúdo, de chapéu descaído e malandro, pernas cambadas e cigarrilha mefistofélica entre os dedos.

Se deixarmos de lado os tormentos da velhice, Junqueiro foi sempre um humorista, até quando cantou a luz e o pão. Mesmo depois de morto, dá ideia de que Junqueiro manteve o gosto de se divertir; a posteridade da sua obra, onde convivem os maiores elogios e os piores remoques, é das voltas mais diabolicamente labirínticas que têm existido na literatura portuguesa.

Junqueiro não era galo para cantar fechado na capoeira e não convivia bem com o elogio doméstico e fácil nem com a comodidade dos lugares quentes das histórias literárias. Dava de barato a ninharia de uma homenagem, como deitou depois às urtigas, sem uma lágrima, os seus versos mais célebres. Era do tipo de preferir a inquietude dos espinhos ao perfume inebriante das rosas e, como sucedia ao Doido da *Pátria*, o sofrimento injetava-lhe sangue na alma.

Junqueiro encontrou depois na crítica didática do grande António Sérgio ao seu «caprichismo» revolucionário o inferno que lhe serviu para mefistofelicamente rir para dentro, como para dentro riu quando enganou o ingénuo padre minhoto.

Nós deixamos Junqueiro rir e chorar lá onde ele está, entre Juvenal e Ésquilo, mas não podemos deixar de desfazer o equívoco que foi a armadilha histriónica de uma máscara de enganos.

O Junqueiro poeta nunca saiu envergonhado das palavras de um pedagogo correto mas sem calor como Sérgio, e o Junqueiro revolucionário, por muito «caprichismo» que possa ter ou não ter, em nada interessa ao juízo poético da literatura. Esclarece Sérgio:

Diante dos livros do Sr. Junqueiro, o problema que nos propusemos não foi o do crítico de literatura: foi um problema de educação, foi, se quiser, psicológico e social. [...] Reconhecemos sempre ao ilustre poeta o grande talento que lhe exorna o espírito, e se fôssemos um crítico de literatura havíamos de nos referir demoradamente às virtudes técnicas dos seus poemas, àquela intensidade expressiva da sua sonoridade e dos seus ritmos, ao grande engenho e habilidade artística, [...].

Que mais queremos para avaliarmos hoje Junqueiro como um dos dois ou três expoentes da moderna poesia portuguesa e de passarmos a perna a todos esses abades minhotos de que um Junqueiro póstumo se continua zombeteiramente a rir?



# Tábua biográfica

**1850** — A 17 de setembro, nasce Abílio Manuel Guerra Junqueiro, em Freixo de Espada à Cinta.

**1853** — Morte da mãe.

**1860** — Estudos liceais no Porto; conhece Bernardino Machado.

**1862** — Muda-se para Coimbra para frequentar o liceu. Estreia literária.

**1863** — A 11 de abril, recita uma poesia no Teatro São João do Porto.

**1866** — Frequenta a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra.

**1868** — Começa a frequentar a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

**1873** — Termina o curso de Direito em Coimbra. Muda-se para Lisboa.

**1876** — Nomeado secretário-geral do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Açores.

**1879** — Regresso dos Açores; transferência para Viana do Castelo. Filia-se no Partido Progressista, de Anselmo Braamcamp Freire. Em outubro, é eleito deputado pelo círculo de Moncorvo, Trás-os-Montes.

**1880** — A 10 de janeiro, casa-se, em Viana do Castelo, com Filomena da Silva Neves. Do casamento nasceram duas filhas: Maria Isabel e Júlia Francisca.

**1885** — Dedicar-se ao bricabraque. Posa ao lado de Ramalho, Antero, Oliveira Martins e Eça, no que ficou conhecido pelo Grupo dos Cinco.

**1888** — Constitui-se a tertúlia dos Vencidos da Vida. Eleito deputado por Quelimane, Moçambique.

**1890** — No seguimento do *Ultimatum* de 11 de janeiro, abandona o Partido Progressista. Abraça a causa republicana. O Junqueiro bricabraquista morre, para dar lugar ao refugiado de Barca de Alva, tão interessado em plantar vides como em compor versos.

**1891** — A 31 de janeiro, revolução republicana do Porto. Arranja passadores em Viana do Castelo a vários foragidos, entre eles Sampaio Bruno.

**1898** — Enceta, na casa de Barca de Alva, pesquisas científicas para combater as doenças da uva. Aplica

a ação da luz solar sobre as bactérias para tratar vinhas atacadas pela «maromba».

**1903** — Conhece Tomás da Fonseca e Lopes d’Oliveira, que se tornará o seu melhor biógrafo até hoje. Continuam as suas investigações no domínio da física da Natureza.

**1907** — A 10 de abril, Junqueiro é julgado e condenado em tribunal por ofensas jornalísticas (cf. *A Voz Pública*, dezembro de 1906) ao rei D. Carlos.

**1908** — A 1 de fevereiro, no Terreiro do Paço, assassinio do rei D. Carlos, depois de uma segunda revolução republicana falhada, a 28 de janeiro.

**1910** — A 5 de outubro, revolução republicana vitoriosa. Defende a conservação da bandeira azul e branca. Dá continuidade aos seus trabalhos de investigação científica.

**1911** — Por convite de Bernardino Machado, é nomeado ministro plenipotenciário de Portugal na Suíça. Para o secretariar, escolhe o sindicalista libertário Emílio Costa. Trabalha em exclusivo no livro em prosa *Unidade do Ser*, síntese do seu pensamento.

**1912** — Com sede provisória no Porto, a novel sociedade cultural Renascença Portuguesa, cujos estatutos em 14 artigos são publicados em extracto no n.º 1 da II Série da revista *A Águia*, aparece organizada em três ramos (Lisboa, Porto, Coimbra), sendo Guerra Junqueiro o primeiro nome do comité do ramo portuense.

**1913** — São publicados em extratexto na revista *A Águia* (n.º 13, janeiro de 1913) os novos estatutos em 37 artigos da Renascença Portuguesa, em que esta deixa de ser uma sociedade por quotas para passar a ser uma associação de responsabilidade limitada gerida por corpos gerentes (Assembleia Geral, Conselho de Administração, Comissão Fiscal). Guerra Junqueiro é o presidente da Mesa da Assembleia Geral, sendo Teixeira de Pascoaes o vice-presidente.

**1914** — Demite-se do cargo de ministro plenipotenciário de Portugal na Suíça.

**1917** — Defende a intervenção de Portugal na Guerra, ao lado da Inglaterra e da França.

**1921** — Revê, com a ajuda de Luís de Magalhães, o poema *Pátria*.

**1923** — A 7 de julho, falece em Lisboa. Teve funerais nacionais na Basílica da Estrela; passou pelos Jerónimos e foi depois depositado em Santa Engrácia, Panteão Nacional, onde ainda hoje está.

## Bibliografia (essencial)

### 1. De Junqueiro

#### 1.1. Livros, opúsculos e artigos<sup>1</sup>

*Duas Páginas dos Catorze Anos* [verso; com dedicatória à mãe], Coimbra, 1864.

*Misticae Nuptiae* [verso], Coimbra, 1866.

*Vozes sem Eco* [verso; com dedicatória à mãe e epígrafe de A. Musset], Coimbra, 1867.

*O Século. I. Baptismo de Amor* [verso], apresentação de Camilo Castelo Branco, Porto, 1868.

*Vitória da França* [verso], Porto, 1870.

*Pedro Soriano (A Torre de Babel ou a Porra de Pedro Soriano)*, Paris [Porto?], 2119 [1870?]; poemas libertinos recolhidos com *As Musas* (s. l. e s. d.) no livro *A Torre Babel ou a Porra do Soriano seguido de As Musas*, Lisboa, & etc., 1979.

*À Espanha Livre* [verso], Porto, 1873.

*A Morte de D. João* [verso], Lisboa, 1874.

*O Crime (A Propósito do Assassino do Alferes Brito)* [verso; inserto depois em *A Musa em Férias*], Porto, 1875.

*Tragédia Infantil* [verso], Lisboa, 1877.

*Contos para a Infância* [adaptações; prosa], Porto, 1877.

*Fiel* [verso; inserto depois em *A Musa em Férias*], Lisboa, 1878.

*Aos Veteranos da Liberdade* [verso], Lisboa, 1878.

*Viagem à Roda da Parvónia* [teatro; em colaboração com Guilherme de Azevedo], Lisboa, 1879.

*A Musa em Férias* [verso], Lisboa, 1879.

*O Melro* [verso; inserto depois em *A Velhice do Padre Eterno*], Porto, 1879.

*A Velhice do Padre Eterno* [verso], Porto, 1885.

---

1 Indica-se apenas a data da 1.<sup>a</sup> edição. Dada a invulgar situação da primeira edição, com data e local incertos, abre-se uma única exceção para o poema libertino *Pedro Soriano*. Também a restante bibliografia aparece reduzida ao «essencial» — mesmo nos acrescentos da segunda edição, que estão longe de serem exaustivos.

- A Lágrima* [verso; inserto depois nas *Poesias Dispersas*], Porto, 1888.
- A Marcha do Ódio* [verso; música de Miguel Ângelo e desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro], Porto, 1890.
- Finis Patriae* [verso], Porto, 1890.
- Os Simples* [verso], Porto, 1892.
- Pátria* [drama em verso], Porto, 1896.
- Oração ao Pão* [verso], Porto, 1902.
- Oração à Luz* [verso], Porto, 1904.
- «Le radium et la radiation universelle» [prosa], in *La Revue*, Paris, 1904.
- «Carta-prefácio» [prosa; inserto depois nas *Prosas Dispersas*], in *Os Pobres*, de Raul Brandão, Porto, 1906.
- «Théorie de certaines actions radio-biologiques» [prosa], in *La Revue*, Paris, 1910.
- «Edith Cawell» [prosa; inserto depois nas *Prosas Dispersas*], Porto, 1915.
- Poesias Dispersas* [recolha de 28 poesias em verso, escritas entre 1878 e 1899], Porto, 1920.
- Prosas Dispersas* [recolha de 15 textos em prosa, escritos entre 1888 e 1918], Porto, 1921.
- O Caminho do Céu* [fragmento de drama em prosa], organização e nota de João Grave, Porto, 1925.
- Prometeu Libertado* [fragmento de drama em prosa e verso], organização e nota de Luís Magalhães, Porto, 1926.

## **1.2. Antologias e obras completas**

- Guerra Junqueiro* [com informação introdutória muito útil], organização de Agostinho de Campos, coleção «Antologia Portuguesa», Bertrand, 1922.
- Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)* [com bibliografia passiva muito completa], organização de Amorim de Carvalho, Porto, Lello Editores, 1974.
- Poesia de Guerra Junqueiro*, organização de Nuno Júdice, Lisboa, Ed. Comunicação, 1981.
- Guerra Junqueiro, Antologia Poética* [com marginália crítica], organização de A. Cândido Franco, Guimarães Editores, 1998.
- Obras de Guerra Junqueiro* [17 volumes; destacam-se duas antologias, *Horas de Luta* e *Vibrações Líricas*, onde se reproduzem discursos políticos de Junqueiro, obras em verso de

juventude e fragmentos inéditos em verso e prosa], Porto, Lello Editores.

## **2. Sobre Guerra Junqueiro**

### **2.1. Livros e opúsculos**

CABRAL, António, *O Talento e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa, 1942.

CARVALHO, Amorim de, *Guerra Junqueiro e a sua Obra Poética*, Porto, 1945.

COIMBRA, Leonardo, *Guerra Junqueiro*, Porto, 1923.

COSTA, Emília de Sousa, *Guerra Junqueiro e a Mulher*, Lisboa, 1930.

FERNANDO DE SOUSA, J. [Nemo], *Guerra Junqueiro e Zola (Notas Críticas de um Jornalista Católico)*, Porto, 1922.

FONSECA, Tomás da, *Guerra Junqueiro. Como Ele Escrevia (Considerações sobre o Manuscrito de «Os Simples»)*, Coimbra, 1924.

FREITAS, J. J. Senna, *Autópsia à «Velhice do Padre Eterno» pelo Sr. Guerra Junqueiro*, Lisboa, 1886.

GAIO, Manuel da Silva, *Os Vencidos da Vida*, Coimbra, 1931.

HOURCADE, Pierre, *Guerra Junqueiro et le Problème des Influences Françaises dans son Oeuvre*, Paris, 1932.

MONIZ, Egas, *Guerra Junqueiro*, Porto, 1949.

NEVES, Moreira das, *Guerra Junqueiro — O Homem e a Morte*, Porto, 1942.

OLIVEIRA, Lopes d', *Memórias — Guerra Junqueiro*, Lisboa, 1938;

\_\_\_\_\_, *Guerra Junqueiro — A sua Vida e a sua Obra*, Lisboa, s. d. [1954].

PASCOAES, Teixeira de, *Guerra Junqueiro*, Porto, 1950;

\_\_\_\_\_, *O Drama Junqueiriano*, Amarante, 1950.

PEREIRA, Henrique Manuel, *A Música de Junqueiro*, Porto, Universidade Católica do Porto, 2009.

\_\_\_\_\_, *Guerra Junqueiro: de Freixo para o Mundo*, Freixo de Espada à Cinta, Câmara Municipal, 2010.

\_\_\_\_\_, *À Volta de Junqueiro: Vida, Obra e Pensamento*, pref. Ângelo Alves, posf. Eugénio Lisboa, Porto, Universidade Católica Portuguesa, 2010.

\_\_\_\_\_, *Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro: o Documentário: Olhares e Argumento*, Porto, Universidade Católica Portuguesa, 2011.

- \_\_\_\_\_. *Junqueiro, Sena Freitas e Cruz Coutinho: Equívocos em Cadeia*, s. l., Alforria, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica*, Maia, Cosmorama, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Guerra Junqueiro: Memória de um Século*, s. l., Alforria, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Guerra Junqueiro e «A Folha» – Primícias: Seguido de Índice Geral da Revista*, pref. António Cândido Franco, Coimbra, Tenacitas/Alforria, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Prefácios e uma Recensão*, pref. Joaquim Domingues, Coimbra, Tenacitas/Alforria, 2016.
- PEREIRA, Maria Helena Rocha, *As Imagens e os Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*, Coimbra, 1950.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de, *Guerra Junqueiro*, coleção «Patrícia», Lisboa, 1924.
- SANTOS, Lídia Machado dos, *As Paisagens Junqueirianas em A Velhice do Padre Eterno*, Vila Nova de Famalicão, Editorial Novembro, 2021.

## **2.2. Dispersos**

- ALMEIDA, Fialho de, «Boémios», in *Figuras de Destaque*, 1923.
- BARRETO, Moniz, «A literatura portuguesa contemporânea», in *Revista de Portugal*, 1889.
- BARROS, João de, «Guerra Junqueiro», in *Hoje Ontem Amanhã*, Lisboa, 1950.
- BRAGA, Teófilo, *As Modernas Ideias da Literatura Portuguesa*, t. II, Porto, 1892.
- BRANDÃO, Raul, *Memórias I e II*, Porto, 1919 e 1925.
- CASTRO, Eugénio de, «Sabugosa e Junqueiro», in *In Memoriam do Conde de Sabugosa*, Lisboa, 1924.
- COELHO, Jacinto do Prado, «Guerra Junqueiro», in *Dicionário de Literatura*, vol. II, 1978.
- CONCEIÇÃO, Alexandre, «A Morte de D. João, poema por Guerra Junqueiro», in *Notas a Lápis*, Coimbra, 1882.
- FRANCO, António Cândido, «Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica, de Henrique Manuel Pereira», in revista *Colóquio/Letras*, n.º 191, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro de 2016.
- LOURENÇO, Eduardo, «De Junqueiro a Pessoa», in *Fernando, Rei da Nossa Baviera*, Lisboa, 1986.

- MARINHO, José, «Poesia e verdade em Guerra Junqueiro», in *Ocidente*, n.º 149-150, Porto, 1950.
- MARTINS, Oliveira, «A poesia revolucionária e *A Morte de D. João*», in *Artes e Letras*, n.º 3, 1874 [reproduzido in *Literatura e Filosofia*, Guimarães Editores].
- MONTEIRO, Adolfo Casais, «O lugar de Junqueiro», in *A Poesia Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, 1977.
- NEMÉSIO, Vitorino, «Guerra Junqueiro», in *Ondas Médias. Biografia e Literatura*, Lisboa, 1945.
- ORTIGÃO, Ramalho, «Do Padre Eterno e da sua Velhice», in *As Farpas V*, Lisboa, 1888.
- PEREIRA, Henrique Manuel, «Anti-Junqueiro», in *Dicionário dos Antis – A Cultura Portuguesa em Negativo*, vol. 2, dir. José Eduardo Franco, INCM, 2018.
- «Treze cartas de Guerra Junqueiro a José Gomes Monteiro: Para um epistolário», in *Brigantia: Revista de Cultura*, n.º XXXVIII-XX, Bragança, 2021.
- PESSOA, Fernando, «Reincidindo...», in *A Nova Poesia Portuguesa* [organização de Álvaro Ribeiro], Lisboa, Editorial Inquérito, 1944.
- PROENÇA, Raul, «Guerra Junqueiro», in *Seara Nova*, n.º 25, Lisboa, 1923.
- QUEIROZ, Eça de, *Correspondência de Fradique Mendes*;  
 ——— «Carta a Joaquim de Araújo», in *Notas Contemporâneas*.
- QUENTAL, Antero de, «*A Morte de D. João*», in *Província*, Vila Real, 1874 [reproduzido in *Prosas II*, Coimbra, 1926].
- RIBEIRO, Aquilino, «Guerra Junqueiro, Prometeu Inagrilhoado», in *De Meca a Freixo de Espada à Cinta*, Lisboa, 1960.
- RÉGIO, José, «Guerra Junqueiro», in *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, Coimbra, 1925 [reproduzido in *Crítica e Ensaio I*, Círculo de Leitores, 1994];  
 ——— «Guerra Junqueiro e António Sérgio», in *O Comércio do Porto*, 27 de setembro de 1966 [reproduzido in *Crítica e Ensaio II*, 1994].
- SARDINHA, António, «Guerra Junqueiro», in *Purgatório das Ideias*, Lisboa, 1929.
- SÉRGIO, António, «O caprichismo romântico na obra do Sr. Junqueiro», in *Ensaíos*, t. I, Porto, 1920.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, [sobre Guerra Junqueiro], in *Dicionário Bibliográfico*, t. XX, Lisboa, 1911.

TORRES, Alexandre Pinheiro, «Guerra Junqueiro», in *Antologia da Poesia Portuguesa (Sécs. XVII-XX)*, vol. II, introdução, seleção e notas de A. P. Torres, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977.

UNAMUNO, Miguel de, «Nada menos que todo un poeta», in *A Águia*, Porto, julho-dezembro de 1923;

——— «En memoria de Guerra Junqueiro», in *La Nación*, Buenos Aires, 3 de outubro de 1923 [os dois textos reproduzidos in *Escritos de Unamuno sobre Portugal*, organização de Ángel Marco de Dios, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985].

# O Essencial sobre

- Irene Lisboa**  
Paula Morão
- Antero de Quental**  
Ana Maria A. Martins
- A Formação da Nacionalidade**  
José Mattoso
- A Condição Feminina**  
Maria Antónia Palla
- A Cultura Medieval Portuguesa (Sécs. XI e XIV)**  
José Mattoso
- Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa**  
Jorge Dias
- Josefa d'Óbidos**  
Vítor Serrão
- Mário de Sá Carneiro**  
Clara Rocha
- Fernando Pessoa**  
Maria José de Lancastre
- Gil Vicente**  
Stephen Reckert
- O Corso e a Pirataria**  
Ana Maria P. Ferreira
- Os «Bebés-proveta»**  
Clara Pinto Correia
- Carolina Michaëlis de Vasconcelos**  
Maria Assunção Pinto Correia
- O Cancro**  
José Conde
- A Constituição Portuguesa**  
Jorge Miranda
- O Coração**  
Fernando de Pádua
- Cesário Verde**  
Joel Serrão
- Alceu e Safo**  
Albano Martins
- O Romanceiro Tradicional**  
J. David Pinto-Correia
- O Tratado de Windsor**  
Luís Adão da Fonseca
- Os Doze de Inglaterra**  
A. de Magalhães Basto
- Vitorino Nemésio**  
David Mourão-Ferreira
- O Litoral Português**  
Ilídio Alves de Araújo
- Os Provérbios Medievais Portugueses**  
José Mattoso
- A Arquitectura Barroca em Portugal**  
Paulo Varela Gomes
- Eugénio de Andrade**  
Luís Miguel Nava
- Nuno Gonçalves**  
Dagoberto Markl
- Metafísica**  
António Marques
- Cristóvão Colombo e os Portugueses**  
Avelino Teixeira da Mota
- Jorge de Sena**  
Jorge Fazenda Lourenço
- Bartolomeu Dias**  
Luís Adão da Fonseca

- 32 **Jaime Cortesão**  
José Manuel Garcia
- 33 **José Saramago**  
Maria Alzira Seixo
- 34 **André Falcão de Resende**  
Américo da Costa Ramalho
- 35 **Drogas e Drogados**  
Aureliano da Fonseca
- 36 **Portugal e a Origem  
da Liberdade dos Mares**  
Ana Maria Pereira Ferreira
- 37 **A Teoria da Relatividade**  
António Brotas
- 38 **Fernando Lopes-Graça**  
Mário Vieira de Carvalho
- 39 **Ramalho Ortigão**  
Maria João L. Ortigão  
de Oliveira
- 40 **Fidelino de Figueiredo**  
A. Soares Amora
- 41 **A História das Matemáticas  
em Portugal**  
J. Tiago de Oliveira
- 42 **Camilo**  
João Bigotte Chorão
- 43 **Jaime Batalha Reis**  
Maria José Marinho
- 44 **Francisco de Lacerda**  
J. Bettencourt da Câmara
- 45 **A Imprensa em Portugal**  
João L. de Moraes Rocha
- 46 **Raul Brandão**  
A. M. B. Machado Pires
- 47 **Teixeira de Pascoaes**  
Maria das Graças Moreira  
de Sá
- 48 **A Música Portuguesa  
para Canto e Piano**  
José Bettencourt da Câmara
- 49 **Santo António de Lisboa**  
Maria de Lourdes Sirgado  
Ganho
- 50 **Tomaz de Figueiredo**  
João Bigotte Chorão
- 51/ **Eça de Queirós**
- 52 Carlos Reis
- 53 **Guerra Junqueiro**  
António Cândido Franco
- 54 **José Régio**  
Eugénio Lisboa
- 55 **António Nobre**  
José Carlos Seabra Pereira
- 56 **Almeida Garrett**  
Ofélia Paiva Monteiro
- 57 **A Música Tradicional  
Portuguesa**  
José Bettencourt da Câmara
- 58 **Saúl Dias/Júlio**  
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 59 **Delfim Santos**  
Maria de Lourdes Sirgado  
Ganho
- 60 **Fialho de Almeida**  
António Cândido Franco
- 61 **Sampaio (Bruno)**  
Joaquim Domingues
- 62 **O Cancioneiro Narrativo  
Tradicional**  
Carlos Nogueira
- 63 **Martinho de Mendonça**  
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 64 **Oliveira Martins**  
Guilherme d'Oliveira Martins
- 65 **Miguel Torga**  
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 66 **Almada Negreiros**  
José-Augusto França

- 67 **Eduardo Lourenço**  
Miguel Real
- 68 **D. António Ferreira Gomes**  
Arnaldo de Pinho
- 69 **Mouzinho da Silveira**  
A. do Carmo Reis
- 70 **O Teatro Luso-Brasileiro**  
Duarte Ivo Cruz
- 71 **A Literatura de Cordel Portuguesa**  
Carlos Nogueira
- 72 **Sílvio Lima**  
Carlos Leone
- 73 **Wenceslau de Moraes**  
Ana Paula Laborinho
- 74 **Amadeo de Souza-Cardoso**  
José-Augusto França
- 75 **Adolfo Casais Monteiro**  
Carlos Leone
- 76 **Jaime Salazar Sampaio**  
Duarte Ivo Cruz
- 77 **Estrangeirados no Século XX**  
Carlos Leone
- 78 **Filosofia Política Medieval**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 79 **Rafael Bordalo Pinheiro**  
José-Augusto França
- 80 **D. João da Câmara**  
Luiz Francisco Rebello
- 81 **Francisco de Holanda**  
Maria de Lourdes Sirgado Ganhó
- 82 **Filosofia Política Moderna**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 83 **Agostinho da Silva**  
Romana Valente Pinho
- 84 **Filosofia Política da Antiguidade Clássica**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 85 **O Romance Histórico**  
Rogério Miguel Puga
- 86 **Filosofia Política Liberal e Social**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 87 **Filosofia Política Romântica**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 88 **Fernando Gil**  
Paulo Tunhas
- 89 **António de Navarro**  
Martim de Gouveia e Sousa
- 90 **Eudoro de Sousa**  
Luís Lóia
- 91 **Bernardim Ribeiro**  
António Cândido Franco
- 92 **Columbano Bordalo Pinheiro**  
José-Augusto França
- 93 **Averróis**  
Catarina Belo
- 94 **António Pedro**  
José-Augusto França
- 95 **Sottomayor Cardia**  
Carlos Leone
- 96 **Camilo Pessanha**  
Paulo Franchetti
- 97 **António José Brandão**  
Ana Paula Loureiro de Sousa
- 98 **Democracia**  
Carlos Leone
- 99 **A Ópera em Portugal**  
Manuel Ivo Cruz
- 100 **A Filosofia Portuguesa (Sécs. XIX e XX)**  
António Braz Teixeira

- 101/ **O Padre António Vieira**  
102 Aníbal Pinto de Castro
- 103 **A História da Universidade**  
Guilherme Braga da Cruz
- 104 **José Malhoa**  
José-Augusto França
- 105 **Silvestre Pinheiro Ferreira**  
José Esteves Pereira
- 106 **António Sérgio**  
Carlos Leone
- 107 **Vieira de Almeida**  
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 108 **Crítica Literária Portuguesa (até 1940)**  
Carlos Leone
- 109 **Filosofia Política Contemporânea (1887-1939)**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 110 **Filosofia Política Contemporânea (desde 1940)**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 111 **O Cancioneiro Infantil e Juvenil de Transmissão Oral**  
Carlos Nogueira
- 112 **Ritmanálise**  
Rodrigo Sobral Cunha
- 113 **Política de Língua**  
Paulo Feytor Pinto
- 114 **O Tema da Índia no Teatro Português**  
Duarte Ivo Cruz
- 115 **A I República e a Constituição de 1911**  
Paulo Ferreira da Cunha
- 116 **O Capital Social**  
Jorge Almeida
- 117 **O Fim do Império Soviético**  
José Milhazes
- 118 **Álvaro Siza Vieira**  
Margarida Cunha Belém
- 119 **Eduardo Souto Moura**  
Margarida Cunha Belém
- 120 **William Shakespeare**  
Mário Avelar
- 121 **Cooperativas**  
Rui Namorado
- 122 **Marcel Proust**  
António Mega Ferreira
- 123 **Albert Camus**  
António Mega Ferreira
- 124 **Walt Whitman**  
Mário Avelar
- 125 **Charles Chaplin**  
José-Augusto França
- 126 **Dom Quixote**  
António Mega Ferreira
- 127 **Michel de Montaigne**  
Clara Rocha
- 128 **Leonardo Coimbra**  
Ana Catarina Milhazes
- 129 **Pablo Picasso**  
José-Augusto França
- 130 **O Diário da República**  
Guilherme d'Oliveira Martins
- 131 **Vergílio Ferreira**  
Helder Godinho
- 132 **A Companhia Nacional de Bailado**  
Mónica Guerreiro
- 133 **Os Ballets Russes em Lisboa**  
Maria João Castro
- 134 **Dante Alighieri**  
António Mega Ferreira

- 135 **O Teatro de Henrique  
Lopes de Mendonça**  
Duarte Ivo Cruz
- 136 **Mário Cláudio**  
Martinho Soares
- 137 **Viana da Mota**  
Bruno Caseirão
- 138 **A Língua Portuguesa  
como Ativo Global**  
Luís Reto, Nuno Crespo,  
Rita Espanha,  
José Esperança  
e Fábio Valentim
- 139 **Teolinda Gersão**  
Annabela Rita  
e Miguel Real
- 140 **Os Salvadores  
Portugueses**  
Margarida de Magalhães  
Ramalho.
- 141 **Aristides de Sousa  
Mendes**  
Cláudia Ninhos
- 142 **Os Portugueses  
no Sistema  
Concentraci3n3rio  
do III Reich**  
Fernando Rosas  
(coordena333o),  
Ansgar Schaefer,  
Ant3nio Carvalho,  
Cl3udia Ninhos  
e Cristina Cl3maco
- 143 **A Seara Nova**  
Lu3s Andrade
- 144 **O Di3rio de Lisboa**  
Cl3udia Lobo
- 145 **Charles Baudelaire**  
Jorge Fazenda Louren3o
- 146 **Ruben A.**  
Fernando Pinto do Amaral
- 147 **Hamlet**  
Maria Sequeira Mendes
- 148 **A Constitui33o de 1822**  
Ant3nio Pedro Barbas  
Homem
- 149 **As Tr3s Marias**  
Joana Meirim
- 150 **Philip Roth**  
M3rio Avelar





O livro **O ESSENCIAL SOBRE  
GUERRA JUNQUEIRO**  
é uma edição da  
**IMPRESA NACIONAL**  
tem como autor  
**ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO**

edição de  
**ANA SÁ**  
revisão de  
**DIOGO SILVA**  
paginação de  
**ANA SEROMENHO**  
*e design e capa do ateliê*  
**SILVADESIGNERS.**

Tem o ISBN PAPEL **978-972-27-3137-9**

e o depósito legal **517 135/23**

A segunda edição revista  
acabou de ser impressa no mês de **JUNHO**  
do ano de **DOIS MIL E VINTE E TRÊS.**  
CÓD. 1026217

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**  
**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.**

Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[impresanacional.pt](http://impresanacional.pt)  
[loja.incm.pt](http://loja.incm.pt)  
[facebook.com/ImprensaNacional](https://facebook.com/ImprensaNacional)  
[instagram.com/impresanacional.pt](https://instagram.com/impresanacional.pt)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

O E S S E N C I A L S O B R E

# Guerra Junqueiro

António Cândido Franco

Aquando da primeira edição, este estudo pretendeu apresentar-se como um itinerário de leitura da principal obra poética de Guerra Junqueiro, pondo em destaque a largueza da sua imaginação, a justeza das suas imagens, a força real das suas representações. Mais de vinte anos depois, no momento da sua reedição, o autor reafirma que a embriaguez da criatividade e a magia surpreendente da expressão, aliadas a um virtuosismo rítmico e a uma intensidade imaginativa, chegam para dar ao poeta de *Pátria* um distintíssimo lugar na poesia portuguesa do século XX — ou pelo menos na sua corrente mais secreta, aquela que ao arrepio sobe às ocultas de Teixeira de Pascoaes a Mário Cesariny e a Herberto Helder.

ISBN 978-972-27-3137-9



N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO